

Análise (filosofia)

Origem: Wikipédia, a enciclopédia livre.

Em filosofia, a **análise** é um método utilizado ao menos desde os tempos de Platão e Aristóteles. O método tornou-se característico da filosofia analítica, entre o final do século XIX e o início do século XX.

Índice

Antiguidade

Filosofia analítica

O paradoxo da análise

Referências

Antiguidade

Em Platão a análise é motivada pelo seu realismo, segundo o qual as coisas são tal qual se apresentam ao intelecto, e não tal qual se apresentm aos sentidos. Assim, para se *compreender* a realidade que se apresenta aos órgãos dos sentidos é precisode*compô-la*.

Filosofia analítica

Os filósofos analíticos viram a análise lingüística e conceitual como um modo de chegar à compreensão sobre temas vistos tradicionalmente como problemas na filosofia. Alguns, pioneiros, como Frege, buscaram uma linguagem científica à qual a linguagem ordinária pudesse ser reduzida. Outros, posteriores, como John L. Austin, viram a linguagem ordinária como o ponto de partida inevitável para o esclarecimento através da análise.

No início, a filosofia analítica propôs-se a analisar conceitos para resolver problemas filosóficos. A análise conceitual apresentou-se, para autores como Frege, Russell (durante algum tempo) e Wittgenstein (idem), como a tarefa de *traduzir* frases da linguagem ordinária para uma linguagem científica, livre de ambigüidades, tal como a conceitografia de Frege.

A tradução de frases da linguagem ordinária é uma maneira de se *reduzir* as frases da mesma às frases da linguagem científica. Tal redução se dá pela *decomposição* do discurso ordinário aos seus elementos lógicos, os quais são distintos dos seus elementos gramaticais.

No atomismo lógico, a tarefa de decompor o discurso ordinário, através de uma linguagem científica, levou à busca dos elementos últimos da lógica, os quais seriam igualmente (somorfismo) os elementos últimos da realidade.

O paradoxo da análise

Se a análise não acrescenta nada ao analisado, isto é, se ela apenas decompõe o analisado, qual pode ser seu valor? C.H. Lanford formula o paradoxo da análise da seguinte maneira:

"Se a expressão verbal representando o *analysandum* [aquilo que está sendo analisado] tem o mesmo significado que a expressão verbal representando o *analysans* [o resultado da análise], [então] a análise estabelece uma simples identidade e é trivial; mas se as duas expressões verbais não tem o mesmo significado, a análise é incorreta." (Citação em Paul

Arthur Schilpp, organizador, *The Philosophy of G.E. Moore*, La Salle, Open Court, 1968, *apud* Danilo Marcondes, *Filosofia Analítica*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2004, páginas 16-17)

A resposta ao paradoxo é que a análise não deve trazer alteração no objeto analisado, embora deva levar a alguma alteração no sujeito, pois a análise o leva a *compreender* melhor o que antes lhe parecia mais obscuro e confuso. Assim, analisar é buscar esclarecimento.

Referências

Obtida de "[https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Análise_\(filosofia\)&oldid=52428129](https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Análise_(filosofia)&oldid=52428129)

Esta página foi editada pela última vez às 12h32min de 22 de junho de 2018.

Este texto é disponibilizado nos termos da licença Atribuição-CompartilhaIgual 3.0 Não Adaptada (CC BY-SA 3.0) da Creative Commons pode estar sujeito a condições adicionais. Para mais detalhes, consulte as condições de utilização